

série monografias

intrigas palacianas nos *Annales* de Tácito

processos e tentativas de obtenção
de poder no principado de Tibério

Ricardo Nobre



Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

AUTOR: RICARDO NOBRE

TÍTULO: INTRIGAS PALACIANAS NOS *ANNALES* DE TÁCITO -
PROCESSOS E TENTATIVAS DE OBTENÇÃO DE PODER NO PRINCIPADO DE TIBÉRIO

EDITOR: CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO: 1ª/2010

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: MARIA DO CÉU FIALHO

CONSELHO EDITORIAL: JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, MARIA DE FÁTIMA SILVA,
FRANCISCO DE OLIVEIRA, NAIR CASTRO SOARES

DIRECTOR TÉCNICO DA COLECÇÃO: DELFIM F. LEÃO

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO: ELISABETE CAÇÃO, NELSON FERREIRA,
RODOLFO LOPES

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

3000-447 COIMBRA

ISBN: 978-989-8281-38-8

ISBN DIGITAL: 978-989-8281-39-5

DEPÓSITO LEGAL: 312189/10

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
INSTITUTO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
POCI/2010

© CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

© CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

© CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

ÍNDICE

PALAVRAS PRÉVIAS	I
Prefácio	V
PROFESSORA CRISTINA PIMENTEL	
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO E AS FRONTEIRAS DA INSTITUIÇÃO LITERÁRIA: TÁCITO, LITERATURA E HISTÓRIA	9
1. HISTÓRIA E LITERATURA	12
2. HISTORIOGRAFIA ANTIGA	18
3. O PLANO DO HISTORIADOR	25
3.1 As Fontes dos <i>Annales</i>	30
3.2 Fidelidade às fontes	33
CAPÍTULO II – <i>AVGVSTAE CONSCIENTIA, CAESARIS FAVOR</i>	35
1. AUGUSTO: ESTABELECIMENTO DE UM MODELO RETÓRICO	42
2. ELIMINAÇÃO DA DESCENDÊNCIA DE AUGUSTO	51
3. GERMÂNICO	61
3.1 O herói da Germânia	65
3.2 O herói da História	79
4. PISÃO E PLANCINA. A MORTE DE GERMÂNICO	85
4.1 A morte de Germânico	90
4.2 A vingança de Germânico	98
CAPÍTULO III – <i>CONTINVAE ACCVSATIONES, FALLACES AMICITIAE</i>	113
1. AMIZADES FALSAS E PERNICIOSAS: LIBÃO DRUSO	120
2. DA MORTE DE DRUSO AO ISOLAMENTO DE TIBÉRIO	136
3. ATAQUE E DESTRUIÇÃO DA CASA DE GERMÂNICO	153
3.1 A perseguição de Tício Sabino	155
3.2 A casa de Germânico	162
4. LIBERDADE DE EXPRESSÃO: CREMÚCIO CORDO	165
CONCLUSÃO	173
BIBLIOGRAFIA	179
<i>INDEX NOMINVM</i>	201
<i>INDEX LOCORVM</i>	205

Para os meus pais

PALAVRAS PRÉVIAS

A obra que agora se publica é resultado da minha investigação no âmbito do Mestrado em Estudos Clássicos, com especialização em Literatura Latina. A dissertação, que foi apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e orientada pela Professora Doutora Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, foi defendida a 13 de Novembro de 2008 (tendo sido arguida pelo Professor Doutor Francisco de Oliveira). A distância temporal que nos separa dessa data justificou a necessidade de algumas actualizações bibliográficas, que provam que os estudos tacitianos atravessam uma época de assinalável interesse (recorde-se que acaba de vir a lume o *The Cambridge Companion to Tacitus*, editado por A. J. Woodman e com a colaboração dos principais entendidos na obra do historiador latino). Além disso, a versão que agora se publica na já prestigiada colecção *Classica Digitalia* beneficia de uma nova conclusão e, resultado de uma cuidada revisão (feita com a colaboração da Ana Filipa Silva e do J. Filipe Ressurreição), nela se evita a repetição de algumas gralhas e erros da primeira versão.

Cabe aqui ainda uma nota sobre a edição dos *Annales* adoptada: é a da Oxford Classical Texts (de 1906), preparada por C. D. Fisher, não só por ser a edição utilizada na elaboração do *Oxford Latin Dictionary*, como por ter vindo a ser considerada como “meritorious” e com poucos “obvious demerits” (Goodyear 1972 16 e 20 n.1). Consciente de que o texto estabelecido em 1906 tem alguns problemas, houve a necessidade de divergir dele em alguns casos, assinalando-os devidamente (versões alternativas

ou pontuação diferente¹); foi ainda adoptada a grafia *u* em vez de *v* e a divisão em parágrafos é a que comumente se utiliza em trabalhos académicos sobre Tácito, originária das edições da Teubner.

As referências dos passos remetem para livros, capítulos e parágrafos dos *Annales*, salvo quando indicada a obra por meio de abreviaturas de autores e títulos, de harmonia com as consagradas pelo *Oxford Latin Dictionary*. Todas as datas são da nossa era, a menos que o contrário seja indicado. Os nomes próprios surgem em português, seguindo, naturalmente, o *Vocabulário da Língua Portuguesa* de Rebelo Gonçalves; quando não contemplados nessa obra, a sua transposição para português obedeceu aos preceitos adequados.

Dirijo ainda palavras de sincero agradecimento ao Professor Doutor Delfim Leão, director técnico da colecção *Classica Digitalia*, ao Professor Doutor Francisco de Oliveira, ao Professor Doutor Arnaldo do Espírito Santo e à Professora Doutora Maria Cristina de Sousa Pimentel, por terem possibilitado esta publicação.

Agradeço também à Professora Doutora Maria Lúcia Lepecki, cujos ensinamentos iluminaram sempre estas páginas, e à Professora Doutora Serafina Martins, pelo inestimável auxílio em caminhos difíceis da teoria da literatura.

Uma palavra especial de reconhecimento para o Professor Doutor Dylan Sailor, da University of California, Berkeley, pelo incentivo e por ter tido a generosidade de me ter feito chegar uma primeira versão do capítulo sobre Cremúcio Cordo, do seu livro *Writing and Empire in Tacitus* (entretanto publicado na Cambridge University Press).

Às funcionárias da Biblioteca da Faculdade de Letras devo um grato acolhimento; dirijo uma palavra especial para a Dr.^a Manuela Basílio, Graça Lopes, Eduarda Osório Lopes, Dr.^a Amália Cipriano, Ana Paula Alexandre, pois em muito contribuíram para facilitar as tarefas realizadas ao longo deste percurso.

Tenho ainda de agradecer à Ana Cristina Matafome, Ana Filipa Roldão, Ana Filipa Silva, Fernanda Carrilho e Lúvia Barreto, pelo apoio, interesse e amizade. Ao J. Filipe, agradeço a inspiração.

¹ Outros problemas, como o apontado por Goodyear 1972 20 n.1, acerca de alguns acusativos do plural em *is*, quando o manuscrito testemunha *es*, não influenciam o trabalho de interpretação.

Finalmente, estou grato à Professora Cristina Pimentel pela sábia e apaixonada orientação, pelos diversos momentos de saudável discussão e amadurecimento de ideias, além de me ter fornecido inúmera bibliografia. À Professora agradeço ainda o Prefácio desta obra.

PREFÁCIO

Tem o leitor em mãos um estudo inédito sobre Tácito, o maior historiador da literatura latina. Tácito é um autor difícil. Cada palavra requer atenção, porque em cada uma se escondem sentidos que é preciso desvendar, porque cada uma é peça de um *puzzle* estilístico que não se deixa dominar à primeira leitura, porque exige do leitor a perspicácia de entender insinuações, juízos de valor e tomadas de posição não explícitas mas sugeridas.

Tácito é um autor fascinante, por tudo o que acabámos de dizer e também pela fabulosa construção de um mundo em que a tirania impera e as personagens se movimentam, uns, muito poucos, em função de valores de que, orgulhosa e inabalavelmente, não abdicam, outros, a maioria, ao sabor do interesse imediato e mesquinho, que pode ser o de conservar a vida a qualquer preço ou, tão-só, a pequena promoção política ou social, o favor dos poderosos, ou a glorióla de um momento.

Por isso, a leitura de Tácito, para os que a empreendem com a consciência de que só um duro percurso os levará ao domínio da sua prosa tersa e elegante, revela-se uma extraordinária descoberta e, quase sempre, o começo de uma paixão de que é impossível libertarmo-nos: Tácito lê-se cada dia com mais deslumbramento, nunca entra no número dos autores que, uma vez lidos, já nos disseram tudo.

Ricardo Nobre, sendo tão jovem, deixou-se tomar por esse fascínio que Tácito exerce sobre nós. Mergulhou na sua obra, leu-a com o respeito e o escrúpulo que uma obra-prima requer, mas também com a ousadia da análise que desbrava caminhos novos de investigação e abre perspectivas originais que confirmam a riqueza da maior das obras do historiador, os *Annales*.

Num panorama tão pobre em que Tácito se afigura como um autor a quem raramente se dedicam, pelo menos entre nós, estudos ou investigação, já para não falar da escassez ou inexistência de boas traduções da sua obra, é sumamente de saudar que alguém, como Ricardo Nobre faz, tenha tido o arrojo de o tomar como autor de cabeceira, fazendo-nos partilhar as suas justas reflexões sobre os *Annales* e revermo-nos, na desmontagem

dos processos e das intrigas palacianas do tempo de Tibério, no que Tácito nos transmite sobre o lado mais negro da condição humana, mas também, por vezes, em clarão de glória e dignidade que o historiador não quer que fique esquecido, sobre o lado mais luminoso do ser humano, na sua fragilidade, na sua inteireza, na capacidade de viver a vida no meio das trevas e de enfrentar a morte como um porto seguro.

Professora Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel

INTRODUÇÃO

Quando o jovem Libório, personagem principal do romance *A Via Sinuosa*, de Aquilino Ribeiro, adormece durante uma homília e sonha que caminha no Paraíso, ao encontrar-se com Deus, é assim recebido: “Olá, Libório, bem-vindo sejas! Então esse Tácito?” (Ribeiro 2008 51). O reconhecimento de Tácito enquanto representação dos estudos de Latim, que ocupavam grande parte da educação do devoto Libório, diz bem da sua importância para a cultura e formação individual. Por seu turno, Eça de Queirós admitia Afonso da Maia como entusiasta de Tácito, e encontramos-lo a ler o historiador no primeiro capítulo de *Os Maias* (Queirós s.d. 11 e 186). Não se pode dizer, porém, que a fama que estas referências da nossa literatura documentam tenha sido a mesma que o autor conheceu na Antiguidade — pois apenas Amiano Marcelino e, posteriormente, Sulpício Severo, Orósio, Sidónio Apolinar e Cassiodoro parecem ter sido influenciados por ele —, apesar de a *Historia Augusta* referir que o imperador Cláudio Tácito mandou copiar as obras e erigir estátuas em louvor de Cornélio Tácito, de quem reclamava parentesco (*SHA Tac.* 10.3). Na Idade Média este era um autor muito mal conhecido, e foi apenas no Renascimento (logo depois que se iniciou a edição da sua obra) que começou a ser apreciado e a servir de fonte de inspiração a outros escritores.

Com efeito, da vida daquele que é considerado o maior historiador romano pouco se sabe (Birley 2000). As incertezas acerca da sua biografia começam pelo nome. O códice *Mediceus I* (o mais antigo, que data do século IX e transmite os *Annales* do início ao fim do livro VI) identifica-o como *Publius Cornelius Tacitus*, mas o códice mais recente (*Mediceus alter*, do século XI) e Sidónio Apolinar (*Epistulae*, 4.14.1 e 4.22.2) nomeiam-no *Gaius*. Contudo, as informações seguras que existem sobre a vida de Cornélio Tácito são recolhidas das suas obras, de algumas cartas de Plínio-o-Moço (de quem era, aliás, muito amigo¹), e de algumas evidências arqueológicas.

¹ Os dois foram herdeiros de L. Dasumico de Córdova (CIL vi 10229). É famoso o episódio narrado por Plínio, em que, durante uns jogos, Tácito estava a falar sobre assuntos eruditos com um cavaleiro, que lhe pergunta: *Italicus es an prouincialis?*, ao que Tácito lhe responde *Nosti me, et quidem ex studiis*. E o cavaleiro pergunta *Tacitus es an Plinius?* (Plin. *Ep.* 9.23.2-3). Comprova-se que o historiador era um entendido em várias matérias, um

O modo como se faz a concatenação dos cenários e acções contribui assim para que o leitor consiga relacionar os episódios e perceber a evolução temporal das intrigas. Por isso, as partículas discursivas que fazem a transição e os apelos à memória (conseguidos por expressões como *ut retulit*⁴, *ut memorauit*⁵, ou *ut dixit*⁶) juntam os elementos dispersos, conferindo-lhes unidade, e atenuam a fragmentariedade da narrativa. Da mesma forma, este tipo de mudança temporal dinamiza a categoria espaço, conquanto da mudança de assunto resulte não raras vezes uma alteração espacial. Assim, acontecimentos ocorridos em Roma enformam uma continuidade própria, bem como os que ocorrem, por exemplo, na Germânia, na Panónia, ou na Síria.

Se o tempo é dinamizado pela simultaneidade e duração, o espaço é dinamizado pelo movimento ou estagnação. Com efeito, muitas personagens nos *Annales* deslocam-se de um espaço para outro(s): Germânico, Druso, Pisão, Agripina, ou mesmo Augusto. No caso de Tibério, ainda que ele próprio viaje, o fenómeno mais significativo da personagem é a estagnação, salientada principalmente pelas constantes promessas de viagem e o seu incumprimento⁷. Essa falta de movimentação e o gradual isolamento numa ilha sem acesso dão relevo à forma como governa à distância, através de cartas, e ilustram ainda a personalidade sombria e solitária do imperador⁸. De facto, a carta é um elemento importante na governação por servir de ponte entre Tibério e o senado, entre o isolamento e a adulação geral, desde que o príncipe se retirou para a Campânia, e daí para Cápreas⁹. É por isso que

1995 5: “Tacitus controls how much insight his readers have into the thoughts and motives of different individuals by regulating which historical figures are allowed to speak in his narrative”.

⁴ Ocorrências: 2.57.2, 4.1.1, 4.21.1, 4.31.4, 6.4.1, 12.10.1, 13.32.2, 13.33.1, 15.6.3; cf. *ut retulimus* 2.46.5.

⁵ Ocorrências: 2.53.2, 3.48.2, 13.33.1, 14.29.1, 14.62.2, 16.21.1.

⁶ Ocorrências: 3.7.2, 16.14.1; cf. *ut diximus* 1.33.1.

⁷ Tibério planeia visitar o império em 1.47.3 (criticado por ter ficado em Roma durante os motins nas províncias em 1.47.1-2), 3.47.2 e 4.4.2. Este immobilismo parece incomodar o autor textual, preocupado com o confinamento do império em 2.61.2, 4.4.3 e principalmente 4.32.1.

⁸ Este é, precisamente, um dos elementos que o distinguem do sobrinho Germânico, um jovem que gosta de viajar e curioso no sentido em que se interessa por aquilo que é diferente, por conhecer locais históricos e povos diferentes.

⁹ Mas já antes funcionava como meio de comunicação: em 4.39.1, o narrador afirma que era por carta que Tibério comunicava com Sejano, mesmo estando na sua presença. Para a avaliação deste meio de mostrar Tibério por voz própria, cf. Miller 1968 1-19.

Sejano, ao tentar convencer Tibério de que precisava de repouso longe da confusão de Roma, já pensava no controlo do príncipe porque manipularia toda a correspondência (4.41.2).

São precisamente estas duas personagens que mais significativamente ilustram a temática da ambiguidade, construída pela dicotomia aparência-realidade, quer em indícios¹⁰, quer em episódios representativos. Sejano dinamiza ainda uma temática da esperança, que perspectiva uma estruturação trágica da obra, por se tratar de um importante elemento da *hybris* da personagem, como se verificará.

De uma perspectiva global, é necessário reconhecer no texto tacitano uma característica dos escritores da Antiguidade comumente aceite pelos críticos literários e historiadores, assim resumida por R. G. Collingwood 1946 43:

It is taken for granted that the historian's proper business is with acts, which come into being in time, develop in time through their phases, and terminate in time. The agent from which they flow, being a substance, is eternal and unchanging and consequently stands outside history. In order that acts may flow from it, the agent itself must exist unchanged throughout the series of its acts: for it has to exist before this series begins and nothing that happens as the series goes on can add nothing to it or take away anything from it. History cannot explain how any agent came into being or underwent any change of nature; for it is metaphysically axiomatic that an agent, being a substance, can never have come into being and never undergo any change of nature.

Por causa deste carácter substancialista da historiografia antiga¹¹, a tarefa do historiador “must be unmask that hypocrisy” (Martin 1981 106), pois estamos perante uma atitude em face do conhecimento do comportamento humano que difere daquela que hoje existe. Se o carácter é imutável¹², quando uma pessoa

¹⁰ A noção narratológica de indício é introduzida e operacionalizada por Barthes 1966.

¹¹ Diz também Syme 1958 421: “The way of thought of the ancients was prone to conceive a man's inner nature as something definable and immutable. A change in observed behaviour was therefore not a change in essence, but only a manifestation of what was there all the time”.

¹² O que se pode ver nos *Characteres* de Teofrasto e em Plutarco, *Aratus*, 49.

muda de personalidade significa que até aí os estados anteriores da sua verdadeira índole não o revelaram. Assim, uma vez que os acontecimentos da primeira parte do principado de Tibério entram em conflito com o fim deste, o imperador não fez mais do que tentar esconder a sua verdadeira natureza. Todavia, tal consideração pode e deve ser questionada quando aplicada de forma linear ao Tibério de Tácito¹³. Ainda que, do meu ponto de vista, seja verdade que o autor constrói a personagem baseando-se em alguns preconceitos, é possível entender, num plano retórico, uma caracterização bastante complexa da psicologia da personagem de Tibério, homem que sofre uma degradação psicológica com o passar do tempo¹⁴.

Se todos os actos louváveis de Tibério são analisados dentro de uma perspectiva dissimulatória, até ao culminar de uma revelação da verdadeira personalidade, também é verdade que nunca se diz que motivos o imperador tem para adoptar esse comportamento. Verifica-se que é o uso de rumores e da opinião da época — e não a verdadeira voz do narrador — que dão maior vitalidade a esse ponto de vista.

Este capítulo pretende demonstrar como o texto, a partir dos capítulos dedicados a Augusto, vai configurando isotopias, que servem de base para a continuação da narrativa do principado de Tibério, principalmente no que respeita à construção de maquinações de intrigas e traições. A insistência em determinadas isotopias confirma a unidade e coesão textual, ao mesmo tempo que permite encontrar pistas para o estudo do estilo de Tácito.

De facto, depois de chegar ao poder, por meio de uma série de dissimulações e engodos, Augusto tomou medidas que assegurassem o domínio por meio da delegação de funções em sobrinhos, sobrinhos-netos e enteado (que vão sendo adoptados). Neste capítulo analisa-se a construção literária das personagens mais importantes nesse processo, bem como a retórica do discurso histórico de que o autor se serve para imputar as culpas à esposa de Augusto, Lúvia, a responsável pela morte dele e da sua descendência. Será ainda feita uma leitura de episódios significativos para mostrar em que medida a cumplicidade de Lúvia

¹³ Hands 1974 explica esta temática.

¹⁴ A ambiguidade de Tibério reflecte-se na narrativa de Tácito, cuja prosa é tantas vezes dúbia e sujeita a difíceis interpretações. O artigo de Cousin 1951 pode ser um instrumento fundamental para perceber o que é de facto dito no texto, sem que se extrapole a mensagem veiculada.

e o apoio de Tibério¹⁵ dinamizam uma série de acontecimentos relevantes que conduzem a desfechos trágicos, nomeadamente no caso de Germânico e do seu inimigo, Pisão.

¹⁵ A expressão que serve de título a este capítulo é proferida por Domício Célere em 2.77.3.

1. AUGUSTO: ESTABELECIMENTO DE UM MODELO RETÓRICO

Com a narrativa do principado de Augusto, abre-se um caminho hermenêutico de grande relevo que estabelece, da parte do narrador para com o leitor, um conjunto de pistas e indícios para certa orientação na interpretação do principado de Augusto enquanto simulador de aparências (resultante de uma actuação política insidiosa, que parte da dissimulação para a usurpação), mas que se torna operativo principalmente quando aplicado ao principado de Tibério: aparência, corrupção, tentativas de obtenção de poder por meio de intrigas, entre outras isotopias que a seguir se desenvolvem.

Augusto dinamiza pelos seus actos e atitudes um movimento continuado de ascensão, possível pela assunção de títulos e cargos de diversas magistraturas. Este movimento ascendente decorre da técnica de simulação e ilusão que Augusto usa para seduzir os diversos sectores da sociedade, conquistando um apoio generalizado e auferindo uma total ausência de oposição política e militar.

No início da secção dos *Annales* dedicada a Augusto¹⁶, o narrador retoma a ideia de movimento de confluência que havia expressado no proémio (*Lepidi atque Antonii arma in Augustum cessere*, 1.1.1):

Postquam Bruto et Cassio caesis nulla iam publica arma, Pompeius apud Siciliam oppressus exutoque Lepido, interfecto Antonio ne Iulianis quidem partibus nisi Caesar dux reliquus (1.2.1)¹⁷.

O desaparecimento¹⁸ destas personagens contribui para o isolamento de Augusto na cena política (*nisi dux reliquus*).

¹⁶ Entre 1.2.1 e 1.4.1, que no proémio surge com a designação *pauca de Augusto*; v. Cap. 1, sec. 3.

¹⁷ A personagem aqui referida como Pompeio é Sexto, o filho de Pompeio Magno, a quem se aludiu em 1.1.1.

¹⁸ São diversas as expressões que designam morte nos *Annales*, chegando a constituir verdadeiras imagens ligadas ao fim da vida, entendida como um percurso (começando na forma que surge no título da obra, *excessus*). Neste parágrafo, designam morte *caesis, oppressus, interfecto*. A forma *exuto* neste contexto também pode ter esse sentido: OLD s.v. *exuo* 5. Cf. Miller 1992 106-107 para observações sobre o tema da morte nos parágrafos 3 e 6. Outros substantivos ou verbos que designam morte nos *Annales* são: *caedes, caedo, defungor, excessus, exitium, extinguo(r), interficio, morior, mors, neco, occido, pereo, trucido*. Cf. Woodman 2004 xxii e Furneaux 1896 71.

O lento (*paulatim*) caminho para o poder (consulado, poder tribúncio, responsabilidades do senado, dos magistrados e das leis, em gradação crescente) é registado por expressões de movimento concêntrico e de sugestão insidiosa, como as formas *pellexit* e *insurgere* demonstram¹⁹: *posito triumviri nomine consulem se ferens et ad tuendam plebem tribunicio iure contentum, ubi militem donis, populum annona, cunctos dulcedine otii pellexit, insurgere paulatim, munia senatus magistratuum legum in se trahere, nullo aduersante* (1.2.1). Sublinhe-se o relevo de Augusto se elevar acima das responsabilidades das leis, um dos elementos mais significativos da evolução política de Roma²⁰.

A morte de Bruto e Cássio aconteceu por vingança e como demonstração de *pietas* para com o pai de Augusto, Júlio César. Este facto (assim entendido pelos *rumores* espalhados na época), que levou Augusto à guerra, foi visto pela opinião pública como uma necessidade²¹, mas que poderia ter sido evitada em prol dos interesses públicos²².

Mais significativa é a ruína de Pompeio e de Lépido, pois estas personagens são vítimas de engodos, preparados por meios de dissimulação. Pompeio é esmagado (*oppressus*) na Sicília depois de ter sido enganado (*deceptos*) pela imagem de paz (*imagine pacis*), tal como Lépido havia sido pela aparência de amizade (*specie amicitiae*, 1.10.3). Apesar de lhe ter feito muitas concessões (*multa Lepido concessisse*, 1.9.4), Augusto acabou por cortar relações com Lépido e por ficar com os seus exércitos (cf. 1.12.1 e 1.1.1.).

¹⁹ OLD s.v. *pellicio* 2. O verbo *insurgo*, que no presente contexto designa ‘subir de classe, tornar-se proeminente’ (OLD 6), também significa ‘revoltar-se’ (OLD 5). A mesma ideia havia surgido com o verbo *cessere*, construído com *in* a reger acusativo (complemento circunstancial de lugar para onde), em 1.1.1, onde se descrevia um rápido movimento (sublinhado pelo advérbio *cito*) na passagem do poder das mãos de uma personagem para outra, culminando em Augusto: *et Pompei Crassique potentia cito in Caesarem, Lepidi atque Antonii arma in Augustum cessere*.

²⁰ De facto, o narrador sente a necessidade de contar a História do Direito em 3.25.2-28.2. A evolução da legislação acompanha a mudança de costumes, sendo sugerida a degradação moral desde o passado (uma espécie de Idade de Ouro) até ao presente. Sinclair 1995 68-71 apresenta uma discussão sobre o excuro legislativo; v. Woodman — Martin 1996 236-261.

²¹ 1.9.3: *pietate erga parentem et necessitudine rei publicae*, vs 1.10.1, onde a reverência é tida como pretexto: *pietatem erga parentem et tempora rei publicae obtentui sumpta*.

²² 1.10.3: *sane Cassii et Brutorum exitus paternis inimicitiiis datos, quamquam fas sit priuata odia publicis utilitatibus remittere*.

Augusto atraiu António para junto de si, por meio de dois pactos e do casamento com a sua irmã. Também a morte de António resulta de um engodo preparado por Augusto e é vista pelos rumores descritos pelo narrador como a expiação das penas de uma afinidade insidiosa (1.10.3). Mais uma vez, Augusto toma para si as tropas do inimigo: *armaque quae in Antonium acceperit contra rem publicam uersa* (1.10.2; cf. 1.1.1).

A estas personagens, reproduzindo a opinião pública do tempo, o narrador junta Hircio e Pansa, cujos exércitos passaram para as mãos de Augusto depois que este, aparentemente, os matou: *mox ubi decreto patrum fascis et ius praetoris inuaserit, caesis Hirtio et Pansa, siue hostis illos, seu Pansam uenenum uulneri adfusum, sui milites Hirtium et machinator doli Caesar abstulerat, utriusque copias occupauisse* (1.10.2). A apresentação destas mortes activa um recurso típico do estilo tacitano: depois de narrado um acontecimento, são referidas as suas causas, ligadas por conjunções disjuntivas (*siue... seu*). É comum essa alternativa basear-se na opinião pública, a fim de se descreverem os pensamentos divergentes da época. Uma das alternativas é mais vaga (atribuída ao *fatum* ou à *fortuna*, por exemplo), outra mais pormenorizada, frequentemente a exprimir um cariz intriguista. No caso em apreço, a alternativa insidiosa está representada na sugestiva expressão *machinator doli Caesar*, que caracteriza a personagem de forma particularmente negativa, ao mesmo tempo que lhe atribui profundidade psicológica, pois só alguém com estrutura mental pode usar o raciocínio para maquinar dolos²³.

Em todos os casos relatados, Augusto assume o comando das legiões dos rivais, aumentando assim o seu poder militar: *accipio, cedo, occupo* são os verbos utilizados para exprimir esta concentração dos exércitos sob a autoridade de Augusto. É por este meio que ele evita as guerras civis, flagelo da época e tema fundamental dos primeiros dez capítulos dos *Annales*: *discordiae ciuiles* (1.1.1), *bella ciuium* (1.3.6), *arma ciuilia* (1.9.3). Por outro lado, se *bella* e *arma* são sinónimos, *discordia* assume importância pelo sentido que encerra: Roma era uma nação onde os seus

²³ O facto de Pansa ter sido morto por militares é também significativo da corrupção das legiões, característica de Augusto. Os militares aqui referidos — ainda que isso não seja claro na crítica — são soldados de Augusto, como *sui* reflexo denuncia. A formação de nomes agentivos em *-tor* e *-trix* é muito comum em Tácito: v. Miller 1992 111-112, Goodyear 1972 221-222 e Sinclair 1995 23-25; cf. Goodyear 1968 30.

cidadãos estavam desunidos (OLD s.v. *dis-*) pelo *cor* (palavra que não aparece nos *Annales*)²⁴.

Para manter os militares do seu lado, Augusto cativa, corrompe e lega dinheiro às legiões: *militem donis (...) pellexit* (1.2.1), *concitos per largitionem ueteranos*, e *corruptas consulis legiones* (1.10.1). Em testamento, lega 1000 sestércios às coortes pretorianas, 500 às urbanas²⁵, mais 300 a cada legionário e militar das coortes de cidadãos (1.8.2)²⁶.

Com efeito, como depois das mortes de Bruto e de Cássio já não havia exércitos do estado (*nulla iam publica arma*, 1.2.1), porque as tropas se repartiam pelos diversos partidos, ao voltar a uni-los em torno do seu projecto político, Augusto consegue a paz (*dulcedo otii*, 1.2.1), com a qual cativa toda a sociedade. Assim se explica a vulnerabilidade do senado, sem protecção militar, frente às pretensões de Augusto (1.10.2). Do mesmo modo, Augusto atraiu o favor do povo pela redução dos preços do trigo (a *annona*, 1.2.1), em testamento legou 43 milhões e meio de sestércios ao povo e à plebe (1.8.2), e havia assumido o poder tribunício *ad tuendam plebem* (1.2.1).

Estas manobras de sedução permitem a Augusto uma governação pacífica e sem oposição. Depois da morte dos seus adversários (destruídos pelas batalhas ou proscricções, 1.2.1), Augusto exalta os nobres mediante riquezas e honras, tornando cada um mais pronto para a servidão que o outro. Por isso, não é de admirar que os *ingenia* também tenham sido dissuadidos pela *adulatio* (1.1.2; cf. 1.7.1). É, pois, a promessa da paz e sua manutenção que permite ao príncipe o apoio geral²⁷: *non aliud discordantis patriae remedium fuisse quam [ut] ab uno regetur*²⁸. No entanto, havia os que criticavam Augusto por esta ser uma paz sangrenta (*pacem sine dubio post haec, uerum cruentam*, 1.10.4), recordando eles as derrotas de Lólio e Varo, e as mortes, em Roma, das famílias dos Varrões, Egnácios e Julos (*Lollianas Varianasque cladis, interfectos Romae Varrones, Egnatios, Iullos*, 1.10.5).

²⁴ Se *discordia* é antónimo de *concordia*, seria de esperar que a paz alcançada por Augusto instaurasse um clima de *concordia*, facto a que o narrador não alude.

²⁵ O segmento *urbanis quinquenos* é corrupto.

²⁶ Cf. 1.78.2; v. Furneaux 1896 283.

²⁷ 1.4.1 (Augusto sustém a paz), 1.9.4 (remédio para as discórdias da pátria).

²⁸ 1.9.4. Estas declarações, recorde-se, não representam a opinião do narrador, mas sim a opinião generalizada da população em face da crise política e social em que Roma se via mergulhada (como provam *interfuit e remedium fuisse*). Lembre-se este passo das *Historiae: omnem potentiam ad unum conferri pacis interfuit* (*Hist.* 1.1.1).

espécie de continuação do carisma de Druso, seu pai. Na verdade, esse facto chega a ser uma isotopia ao longo da sua história, já que esta relação familiar é afirmada diversas vezes no decorrer do texto. Um passo significativo dessa ligação é este, que contrasta a personalidade de Germânico com a de Tibério:

quippe Drusi magna apud populum Romanum memoria, credebaturque, si rerum potitus foret, libertatem redditurus; unde in Germanicum fauor et spes eadem¹²⁰. nam iuueni ciuile ingenium, mira comitas et diuersa ab Tiberii sermone uultu, adrogantibus et obscuris (1.33.2).

A forma *credebatur* reenvia para o tempo da acção pelo tempo imperfeito do indicativo e, pela forma impessoal, para a generalização da ideia de crença de que, se fosse ele a governar, teria trazido de volta a liberdade, ou seja, a restauração da república¹²¹. O *fauor*, ligado a Germânico (cf. 1.7.6), revela a adesão popular à sua personalidade e contribui para que esta seja uma das personagens mais carismáticas dos *Annales*.

No trecho, está presente de forma bem vincada o contraste entre as personagens Germânico e Tibério: têm características *diuersae*, o que lhes confere polaridades opostas. De um lado, expõe-se a juventude (*iuueni*), o talento de um verdadeiro cidadão, a assinalável gentileza — traços positivos na personalidade de quem poderia (note-se que a condicional, relativa a Druso, exprime um facto irreal) governar Roma. No outro lado, pela conversa e pelo aspecto exterior (*ab sermone uultu*, cuja formulação assindética faz transparecer a característica principal do imperador), a ambiguidade e dissimulação, que é a polaridade negativa (*adrogantibus*¹²² e *obscuris* concorrem para a caracterização interior da personalidade) de quem governa Roma. A paternidade de Germânico surge-lhe associada desde a primeira vez em que é referido na obra:

¹²⁰ Cf. 2.73.3, onde se lamenta o facto de Germânico não ter assumido o poder.

¹²¹ Lembre-se que, no início da obra (1.1.1), *libertatem et consulatum* surgem como hendiádis do regime republicano. A expressão *res publica* aparece em Tácito quase sempre com o sentido de “Estado”. Semelhante emprego encontra-se em 2.82.2. Cf. *Ag.* 3.1: *Nerua Caesar res olim dissociabilis miscuerit, principatum ac libertatem.*

¹²² A *adrogantia* é uma das características de Tibério. Logo em 1.10.7 lê-se, em testemunho do povo: *adrogantiam saeuitiamque eius introsperit.*

Germanicum Druso ortum octo apud Rhenum legionibus [Augustus] inposuit adscirique per adoptionem a Tiberio iussit, quamquam esset in domo Tiberii filius iuuenis, sed quo pluribus munimentis insisteret (1.3.5).

Neste passo, como se viu antes, é a vontade de Augusto que se cumpre (como denunciam as formas activas *inposuit*, *iussit*¹²³), quer na atribuição do cargo a Germânico, quer na ordem de adopção. Tibério surge como paciente de vontade alheia, o que nesta construção se concretiza na função de agente da passiva¹²⁴.

Dos desígnios de Augusto decorrem duas interpretações possíveis: (1) Augusto queria, simplesmente, garantir que haveria outra pessoa, mais nova do que Tibério, a assegurar o poder; (2) Augusto não queria que Tibério lhe sucedesse e via em Germânico as qualidades que o filho da sua mulher não tinha. A primeira hipótese é plausível na medida em que, sendo Tibério mais velho, asseguraria o poder até morrer, dando tempo de amadurecimento de outro sucessor. Esta decisão inserir-se-á, assim, na política de linhagem de Augusto, uma vez que juntar a Druso outro jovem na linha de sucessão reforça os *munimenta*.

Noutra perspectiva, antes indicada com (2), pode inferir-se que Augusto preferia que Germânico lhe sucedesse, preterindo Tibério e o seu filho Druso (dando nova interpretação à oração concessiva). Esta hipótese pode sustentar-se no testemunho dos rumores; Augusto não tinha preocupações de estado em adoptar Tibério e censurava-o com aparência de desculpas:

ne Tiberium quidem caritate aut rei publicae cura successorem adscitum, sed quoniam adrogantiam saevitiamque eius introspexerit, comparatione deterrima sibi gloriam quaesivisse. etenim Augustus paucis ante annis, cum Tiberio tribuniciam potestatem a patribus rursus postularet, quamquam honora oratione, quaedam de habitu cultuque et institutis eius iecerat, quae uelut excusando exprobraret (1.10.7).

Depois da morte de Augusto, Tibério não assumiu as funções que cabiam antes ao *princeps*, mas passou a dar ordens às coortes

¹²³ Mais do que vontade, os verbos em causa, *inpono* e *iubeo* exprimem *ordem*, mostrando a autoridade que Augusto ainda detinha.

¹²⁴ Pode deprender-se desta subtileza que Tibério não queria o poder e que foi a sua mãe que influenciou Augusto nesse sentido, como demonstra Woodman 1998 36 e 159-162.

pretorianas, como se fosse seu comandante, fazia-se acompanhar de sentinelas, homens armados e séquito. Estas atitudes (que originaram a crença de que Tibério apenas estava hesitante em tomar o poder quando falava no Senado¹²⁵) mostram o terror (*formido*) relativamente à possibilidade de Germânico vir a reclamar o poder¹²⁶. Na verdade, se este concentrava todo o carisma que o distinguia de Tibério, nada o impediria de querer o poder absoluto:

causa praecipua ex formidine ne Germanicus, in cuius manu tot legiones, immensa sociorum auxilia, mirus apud populum fauor, habere imperium quam exspectare mallet. dabat et famae ut uocatus electusque potius a re publica uideretur quam per uxorium ambitum et senili adoptione inrepsisse (1.7.6-7).

Também aqui se verifica uma unanimidade em relação a Germânico. O apoio militar (*immensa auxilia*) e o apoio civil¹²⁷ (*mirus fauor*) poderiam fazê-lo decidir-se (*ne mallet*) a tomar o poder (*habere imperium*) em vez de o esperar (*exspectare*). O vocabulário que caracteriza Germânico concorre para a sua elevação, enquanto a concepção de Tibério se faz através da aparência (*famae, ut, uideretur*), com que tenta iludir a realidade, conhecida da opinião pública¹²⁸.

Por motivos que se ligam à sua lealdade, Germânico recusa o poder, oferecido pelas suas próprias legiões, como se viu. O medo de Tibério mostra-se, desta maneira, infundado. Germânico revela a mais profunda *pietas* em relação a Tibério, seu pai adoptivo e sucessor de Augusto. Cumpre igualmente a *fides*, apesar de Germânico ter todas as condições de linhagem para assumir o poder à morte de Augusto, pois a adopção por Tibério coloca-o inequivocamente na linha de sucessão.

São, assim, de realçar as referências ao seu passado — o avô Marco António (alusão especialmente relevante na visita ao promontório de Áccio, 2.53.2), a mãe Antónia (3.3.2) — e ao

¹²⁵ Mais um elemento que contribui para se perceber que talvez Tibério não quisesse o poder. Woodman 1998 40-69 interpreta, contra o consenso geral dos estudiosos, as cenas mais significativas na subida de Tibério ao poder.

¹²⁶ Como se verá na análise da cena da morte de Germânico, este também tem medo de Tibério.

¹²⁷ O mesmo *apud populum [romanum]* e o mesmo *fauor* de 1.33.1.

¹²⁸ O narrador, transmitindo os testemunhos da opinião do povo, revela o papel de Lúvia (*ambitum*) na adopção de Tibério por Augusto, já envelhecido (*senili*).

da sua esposa, Agripina¹²⁹, neta de Augusto (recordem-se 1.40.3, 2.71.4, 3.4.2, 4.52.2).

No entanto, mais relevantes para a demonstração do carácter de Germânico são os contactos concretos que tem com o passado, feitos em Teutoburgo¹³⁰ (que funciona como trampolim para a campanha contra os Germanos), em Áccio (onde experimenta sentimentos ambíguos, *magnaque illic imago tristium laetorumque*, pois a sua linhagem mistura a família de Augusto com a de Marco António¹³¹), e no Egipto, cujas maravilhas deseja conhecer¹³².

De igual importância nesta relação com a História são as alusões à sua descendência, tantas vezes recordada¹³³. Germânico tem seis filhos (2.71.4): Nero Júlio César, Druso César, Gaio Calígula, Agripina (futura mãe de Nero), Júlia Drusila e Júlia Livila (2.54.1)¹³⁴. Deste ponto de vista, Germânico é a personagem do futuro, que se projecta na sua prole¹³⁵. Ainda assim, não deve

¹²⁹ Germânico e Agripina foram o modelo de casal exemplar; ela é diversas vezes caracterizada como pudica, mas também se mostra *semper atrox* (Cap. 3, sec. 1); ele, homem de uma mulher só (2.73.2).

¹³⁰ O episódio da descoberta e enterro dos despojos das legiões mortas em Teutoburgo (1.61.1-62.2) constitui uma bela e comovente narrativa. Durante a campanha na Germânia, Lúcio Estertínio vence os Brúcteros e incendeia os seus bens, descobrindo no meio do massacre e pilhagem a águia da XIX legião, perdida por Varo. Perseguindo os sobreviventes, os soldados romanos devastam completamente o território entre os rios Amísia e Lúpia. Como esta região era perto do desfiladeiro de Teutoburgo, onde os restos mortais de Varo e suas legiões se mantinham inseultos, Germânico mostra o desejo de enterrar e prestar a última homenagem àquelas legiões e ao seu líder. Para uma análise literária da descrição do espaço e das cerimónias que aí ocorrem, v. Woodman 1998 70-85.

¹³¹ Germânico aproveita uma paragem na viagem para a Síria para reparar a frota e visitar Áccio (2.53.2). Sobre a ascendência de Augusto e de M. António, v. 2.43.5, 2.53.2, 3.3.2.

¹³² Germânico demonstra grande vontade e curiosidade em conhecer locais exóticos e célebres pela sua história. O Egipto é um exemplo significativo dessa característica: *Germanicus Aegyptum proficiscitur cognoscendae antiquitatis* (2.59.3).

¹³³ A frequência de referências à fecundidade de Agripina concorre para sublinhar igualmente a prole de Germânico. Sobre a fecundidade e pudicícia de Agripina, v. Cap. 3, sec. 1.

¹³⁴ Quase todos acabam por ter um fim trágico: Druso (6.23.2), Nero (6.24.2), Agripina (14.8.5). Na porção perdida dos *Annales*, seria ainda narrada a morte de Calígula e das irmãs: v. Furneaux 1891 5-14. Sobre o fim de Druso e de Nero, v. Cap. 3, sec. 2. O orgulho que Germânico sente pela sua prole manifesta-se ainda na decisão de os levar no carro triunfal (*augebat intuentium uisus eximia ipsius species currusque quinque liberis onustus*, 2.41.3).

¹³⁵ No dizer de O’Gorman 2000 46, “[a]s a father, brother and grandfather of three successive Julio-Claudian emperors, Germanicus acquires historical significance retrospectively.”

esquecer-se a relação que ele próprio estabelece com o devir. Ilustrativo deste aspecto é o episódio em que ele consulta o oráculo de Apolo:

igitur adito Ilio quaeque ibi uarietate fortunae et nostri origine ueneranda, relegit Asiam adpellitque Colophona ut Clarii Apollinis oraculo uteretur ... et ferebatur Germanico per ambages, ut mos oraculis, maturum exitum¹³⁶ cecinisse (2.54.2-4).

A curiosidade em saber o passado está, assim, ligada à vontade de saber o futuro.

Como foi dito, à volta de Germânico cria-se uma atmosfera de esperanças (por ser filho de Druso e pelas suas famosas qualidades de carácter) e de empatia (pela sua condição de vítima dos *odia* do tio e da avó) que contribui para a sua popularidade. Esse aspecto, várias vezes expresso, irá resultar numa mágoa profunda aquando da sua morte, acontecimento que é sugerido pelo narrador, quando descreve o triunfo de Germânico:

sed suberat occulta formido, reputantibus haud prosperum in Druso patre eius fauorem uulgi, auunculum eiusdem Marcellum flagrantibus plebis studiis intra iuuentam ereptum, breuis et infaustos populi Romani amores (2.41.3).

Germânico entra, em comparação com o pai e com o tio, num paradigma trágico que arrebatava ao povo romano os seus amores. Este aviso de mau augúrio desvenda um fim desditoso (*infaustos*) e próximo (*breuis*) para Germânico. De facto, a seguir ao triunfo do sobrinho e filho adoptivo, Tibério, não conseguindo o *fauor* do povo, pondera destruí-lo (*amoliri*, 2.42.1).

¹³⁶ Este passo traz algumas ambiguidades: “The adjective *maturum* can mean both ‘occurring at the proper time’ and ‘occurring before the proper time’; and, though the manuscript here has *exitium* (‘extermination’), some scholars prefer to read *exitum*, which means ‘departure’ or ‘death’ (whether natural or otherwise) and is the word used by Germanicus himself in his last speech at 2.71.1 below”: Woodman 2004 67 n.92.

4. PISÃO E PLANCINA. A MORTE DE GERMÂNICO

Quando, em 2.43.1, Tibério declara que os problemas da Arménia não podem ser resolvidos senão pela *sapientia* de Germânico, o senado confia ao filho adoptivo do imperador as províncias *quae mari diuiduntur*, outorgando-lhe um *maius imperium* que o coloca acima dos governadores das províncias públicas e imperiais:

Igitur haec et de Armenia quae supra memorauit¹³⁷ apud patres [Tiberius] disseruit, nec posse motum Orientem nisi Germanici sapientia conponi: nam suam aetatem uergere, Drusi nondum satis adoleuisse. tunc decreto patrum permissae Germanico prouinciae quae mari diuiduntur, maiusque imperium, quoquo adisset, quam iis qui sorte aut missu principis obtinerent (2.43.1).

Esta decisão é tomada por decreto do senado (cf. 3.12.1). Germânico é, assim, afastado de vez dos exércitos da Germânia, onde gozava de grande notoriedade. Em 2.26.2, o narrador diz que em cartas frequentes (*crebris epistulis*), Tibério aconselhava Germânico a regressar para o triunfo que lhe havia sido concedido (v. 1.55.1): tinha tido resultados e perigos suficientes (*satis iam euentuum, satis casuum*). Teve sucesso em grandes batalhas (*prospera illi et magna proelia*), mas deveria recordar também as perdas infligidas pelos ventos e tempestades, que, não tendo sido culpa sua (*nulla ducis culpa*), eram pesadas e cruéis (*grauia tamen et saeua damna*). Germânico cede, consciente da *inuidia* de que era alvo (2.26.5).

Surge, no entanto, um conflito, indiciado pela conjunção adversativa (*sed*), quando Tibério substitui Crético Silano por Pisão no governo da Síria: *sed Tiberius demouerat Syria Creticum Silanum, per adfinitatem conexum Germanico, quia Silani filia Neroni uetustissimo liberorum eius pacta erat, praefeceratque Cn. Pisonem* (2.43.2). O imperador retira do cargo um homem de confiança de Germânico¹³⁸ para o atribuir a outro, cujo espírito

¹³⁷ O narrador refere-se a 2.3.1 e 2.4.3-5.1.

¹³⁸ A filha de Silano é noiva de Nero, filho mais velho de Germânico. A declaração das boas relações entre os dois, Germânico e Silano, contrasta com as relações hostis que serão mantidas entre Germânico e Pisão. Esta mudança

violento virá a fundamentar a suspeita de que matou Germânico. Começa assim a turbulenta relação entre Pisão e Germânico.

Gneu Calpúrnio Pisão¹³⁹ é referido no início dos *Annales* como um dos nomes possíveis para suceder a Augusto. A personagem é enquadrada num perfil semelhante ao de Lúcio Arrúncio: *non indignum et si casus daretur ausurum* (1.13.3). No geral, este passo — que conta os *supremi sermones* que Augusto teve com Tibério, acerca de possíveis sucessores capazes para o poder, e que R. Syme 1958 694 considera como “clumsy” — é de difícil interpretação¹⁴⁰. Ainda assim, afigura-se pertinente sublinhar esta afirmação: *omnesque praeter Lepidum uariis mox criminibus struente Tiberio circumuenti sunt* (1.13.3). Com efeito, se *omnes* inclui o nome de Pisão¹⁴¹ (que apareceu em alternativa¹⁴²), é legítimo deduzir o patrocínio de Tibério na perda de Pisão, uma vez que tal poderá ter que ver com a maquinação de acusações de que se fala (*struere crimen*¹⁴³). Trata-se de um indício (logo na primeira referência à personagem) de que o fim de Pisão será orquestrado pelo imperador.

O carácter desafiador, arrogante e impulsivo de Pisão torna-se notório em breves episódios de que é protagonista, em 1.74.5¹⁴⁴ e 2.35.1¹⁴⁵. Em ambos os casos, Pisão reclama o que resta (ou parece restar) da *libertas* entretanto perdida: *uestigia morientis libertatis* (1.74.5), *speciem libertatis* (2.35.1). Esse carácter é herdado do pai, mas justifica-se principalmente devido à riqueza e influência da esposa, Plancina:

no governo da província parece vir confirmar as suspeitas quanto às ordens (e má vontade) de Tibério contra Germânico.

¹³⁹ Filho de Gneu Calpúrnio Pisão (2.43.2), nasceu c. 42 a.C., foi governador da Hispânia Citerior (3.13.1), cônsul em 7 d.C., juntamente com Tibério. Enviado como legado consular para a Síria (entre os anos 17-19; 2.43.2), onde foi *adiutor* de Germânico.

¹⁴⁰ Como comprova a problematização de Goodyear 1972 181-184.

¹⁴¹ Goodyear 1972 183 acredita que sim.

¹⁴² 1.13.3: *pro Arruntio quidam Cn. Pisonem tradidere*.

¹⁴³ Também na acusação de Tício Sabino se maquinou (*struo*) um *dolus*.

¹⁴⁴ O narrador apresenta como exemplo de restos de liberdade moribunda o facto de Pisão ter enfrentado Tibério, questionando o sentido do voto do *princeps* para que os senadores evitassem votar contra o imperador. Cf. O’Gorman 2000 42.

¹⁴⁵ No senado debate-se que papel tem esse órgão na ausência do imperador. Gneu Pisão, que tem uma opinião diferente de Asínio Galo, considera que o senado deve continuar as suas funções.

*ingenio uiolentum et obsequii ignarum, insita ferocia a patre Pisone (...) sed praeter paternos spiritus uxoris quoque Plancinae nobilitate et opibus accendebatur; uix Tiberio concedere, liberos eius ut multum infra despectare (2.43.2-3).*¹⁴⁶

Confirma-se a psicologia provocadora desta personagem, bem como a sua arrogância, nomeadamente contra Germânico, a quem se julgava superior — aliás, o constante boicote às ordens de Germânico é a negação da sua autoridade.

Em focalização interna, o narrador denuncia a interpretação que Pisão fez das ordens recebidas de Tibério¹⁴⁷:

nec dubium habebat se delectum qui Syriae imponeretur ad spes Germanici coerendas. credidere quidam data et a Tiberio occulta mandata; et Plancinam haud dubie Augusta monuit aemulatione muliebri Agrippinam insectandi. diuisa namque et discors aula erat tacitis in Drusum aut Germanicum studiis (2.43.4).

São aqui expressos vários dados importantes para o desenrolar da história. É a primeira vez que se afirmam as suspeitas de que Pisão terá recebido ordens secretas de Tibério. Para Pisão não havia dúvida de que a sua nomeação servia para travar as pretensões de Germânico — algo que, com efeito, não implica, necessariamente, o assassinio deste. Aquilo em que alguns acreditavam, a existência de ordens secretas, nunca será inteiramente provado, como se verá (Haynes 2003 11 e 12). Daquilo que parece haver a certeza é do envolvimento de Plancina e Augusta, e das ordens para prejudicar Agripina (cf. 2.43.4). Aliás, Plancina, na Síria, incentiva os militares (ultrapassando os limites das tarefas de mulher, indo além daquilo que se considera honroso numa mulher: Santoro L'hoir 2006 119-120) contra Agripina e Germânico (2.55.6).

¹⁴⁶ Sublinham-se as características dominantes de Pisão. É de notar que, à luz das palavras posteriores de Pisão (*cum fide aduersum te neque alia in matrem tuam pietate*, 3.16.3), a expressão *obsequii ignarum* é irónica.

¹⁴⁷ Walker 1952 116 n.1 lembra os passos em que se faz referência às orientações de Pisão na Síria — 2.43.2-3: *decreto patrum permissae Germanico prouinciae (...) maiusque imperium ... praefeceratque [Syriae] Cn. Pisonem*; 2.70.3: *[Germanicus] componit epistulas (...) addunt plerique iussum prouincia decedere*; 2.74.1: *Consultatum inde inter legatos quique alii senatorum aderant quisnam Syriae praeficeretur*; 2.76.1: os amigos de Pisão dizem *repereret prouinciam non iure ablatam*; 2.77.1: Domício diz *Pisonem, non Sentium Syriae praepositum*. Cf. também 2.79.5, 2.80.3, 3.12.2.

Tibério é a personagem para a qual converge a atenção do narrador²⁷, que dá conta da sua vontade e decisão, a partir de 2.28.2: *Caesar indicium haud aspernatus congressus abnuit*. Tibério impõe que seja Flaco o intermediário das suas conversas com Cato: *posse enim eodem Flacco internuntio sermones commeari* — a personagem Tibério prefere a proximidade de um cavaleiro à de um senador. Esta preferência merece ponderação, pois parece configurar uma tendência para confiar em pessoas de menor importância social (recorde-se que Sejano também é cavaleiro). De facto, um senado demasiado servil (aliás, esta ideia é claramente veiculada na expressão *o homines ad seruitutem paratos!*, em 3.65.3) não merece confiança.

A análise do interior da personagem de Tibério é bastante evidente no passo que agora transcrevo: *atque interim Libonem ornat praetura, conuictibus adhibet, non uultu alienatus, non uerbis commotior (adeo iram condiderat)* (2.28.2). Retoma-se a isotopia da dissimulação de Tibério, que aqui surge como alguém que esconde as expressões do rosto, e fala, como se nada tivesse acontecido, com alguém a quem concede uma pretura e convida para banquetes²⁸. O substantivo *praetura* é, sintacticamente, o instrumento com que Libão é honrado, o que, em conjunto com esses convites para banquetes, não tem de revelar segundas intenções. No entanto, é o discurso parentético *adeo iram condiderat*, isolando e resumindo a atitude hipócrita de Tibério, que denuncia a sua maneira de ser, a sua verdadeira natureza, que com estas pistas se vai revelando. Assim acontece com o uso do verbo *ornat*, cujo sentido de ‘honrar (com)’ (OLD s.v. *orno* 6) surge por contiguidade semântica, isto é, por metonímia. Tendo em conta a imagem de um *princeps* que esconde a ira até a vítima cometer o erro fatal que a conduzirá a uma morte trágica, no contexto presente, o sentido de *orno* tem uma carga semântica ligada a uma condecoração de fachada que apenas serve para manter as aparências. A construção dos sintagmas descritivos da reacção do imperador (*non uultu alienatus, non uerbis commotior*) é paralelisticamente perfeita: anáfora de *non*, que nega duas palavras começadas por *u-* e com o mesmo número de sílabas (*uul-tu, uer-bis*). Estrutural e gramaticalmente falando, são dois elementos iguais e simétricos. Esta estratégia retórica cria um

²⁷ O foco esteve até aqui em Cato.

²⁸ Em alternativa, pode pensar-se que o imperador pretendia conhecer bem o arguido nesta “fase de instrução”.

efeito de simultaneidade dos (não) gestos do imperador, ou seja, Tibério manteve-se impassível²⁹.

O narrador continua a explorar a simulação de carácter da personagem, na descrição que faz do seu comportamento ao longo deste caso: *cunctaque eius dicta factaque, cum*³⁰ *prohibere posset, scire malebat* (2.28.2). A colocação de *cuncta, dicta e facta* no início da frase e por esta ordem dá-lhes especial ênfase — do geral para o particular, o poder de Tibério poderia exercer-se sobre todas as acções de Libão, mas preferiu o conhecimento (de todas).

Tal era o comportamento de Tibério até surgir Fulcínio Trião: *donec Iunius quidam, temptatus ut infernas umbras carminibus eliceret, ad Fulcinium Trionem indicium detulit* (2.28.2). Neste passo, aparecem duas novas personagens, ‘um certo Júnio’, que se posicionará do lado dos acusadores, e Fulcínio Trião, que é logo caracterizado pela afirmação *celebre inter accusatores Trionis ingenium erat avidumque famae malae* (2.28.3) — uma personagem maligna por opção, ou melhor, por desejo (expresso pela construção com genitivo de *avidum*). Sendo *ingenium* (*Trionis*) o sujeito da frase, é sobre ele que se fazem as afirmações: *celebre inter accusatores* e *avidum famae malae*, como se o ‘talento’ tivesse a capacidade psíquica de ser ávido — transporta-se para o ‘talento’ a personalidade de Trião, numa construção marcadamente metonímica (hipálage). A personificação do abstracto corporiza o espectro textual, dando-lhe vida e vontade próprias.

Esta personagem perversa acaba por fazer precipitar a acção. A velocidade com que o faz é bem visível na organização sintáctica dos elementos frásicos curtos e com elipse do sujeito. O advérbio *statim* e o homeoteleuto reforçam essa velocidade nas acções: *statim corripit reum, adit consules, cognitionem senatus poscit* (2.28.3). A transformação de Libão Druso em acusado está feita, pois ele já é dito *reus*. A convocação dos senadores é imediata: *et uocantur patres, addito consultandum super re magna et atroci*. A definição do caso (*re*) como *magna* e *atrox* recorda a sua delicadeza e importância, ao mesmo tempo que sintetiza as informações até aqui fornecidas pelo narrador³¹. Libão Druso, *reus* antes de o ser, tem o destino traçado.

²⁹ Provavelmente à espera de apanhar Libão Druso em falso.

³⁰ Sobre o sentido concessivo de *cum*, v. Allen — Greenough 1903 354-355.

³¹ Esta estratégia cria consistência na narrativa. Note-se o uso de *super* (construído com ablativo) com sentido de *de*: Goodyear 2004 272.

Com a aproximação do julgamento, o narrador acompanha as acções de Libão em prol da sua defesa:

Libo interim ueste mutata cum primoribus feminis circumire domos, orare adfins, uocem aduersum pericula poscere, abnuentibus cunctis, cum diuersa praetenderent, eadem formidine (2.29.1).

A imagem transmitida é a de um homem desesperado, vestido de escuro³², que tenta a salvação indo de casa em casa daqueles que lhe eram mais próximos e de pessoas ilustres. Libão tem a companhia de *primoribus feminis*, o que realça o seu desespero, porque tenta auxílio³³ recorrendo às influências junto dos conhecidos. Os verbos, em infinitivo histórico³⁴, dão vivacidade ao percurso. O uso de *interim*³⁵ faz com que a acção esteja em sequência paralela à anterior.

A enumeração desses actos é feita de forma variada: ablativo absoluto (*ueste mutata*), construção paralelística (*circumire domos, orare adfins*) e quiástica em relação a ela (*uocem aduersum pericula poscere*) e novo ablativo absoluto (*abnuentibus cunctis*), resumindo os resultados da procura, que, mais minuciosa e analítica, concorre para um desfecho sintético e sombrio: ninguém quis defender Libão Druso contra os perigos. A oração temporal-causal explica o fracasso da empresa de Libão: *cum diuersa praetenderent, eadem formidine*. Todas as justificações se resumem, assim, a uma — o medo. Recordar-se com estas palavras a principal característica da sociedade romana que os *Annales* descrevem: a servidão, a que todos recorrem por causa do terror instituído pelo comportamento sombrio do *princeps* e pela multiplicação de *delatores*.

É ainda de medo que se fala no parágrafo seguinte: *die senatus metu et aegritudine fessus* (2.29.2). O tom de pesar sente-se na fonética: as vogais altas e fechadas (*i, u, e*) têm preponderância, bem como as consoantes oclusivas — um ritmo cadenciado, triste e arrastado acompanha o corpo aterrorizado e doente (de

³² A roupa escura era usada pelos acusados em tribunal (cf. Woodman 2004 53 n.32) e era símbolo de luto. Neste caso, as mulheres que Libão tem do seu lado são uma espécie de *praeficae*.

³³ Furneaux 1896 318 entende que *uoces* é “an equivalent expression to ‘patronos petenti’ (...)”; cf. Goodyear 2004 273.

³⁴ Touratier 1994 127: “l’infinitif de narration est l’équivalent d’un imparfait et a donc une valeur purement descriptive”; cf. Touratier 1994 153 e 347.

³⁵ O advérbio *interim* surge já em 2.29.1 com o mesmo fim (v. 2.31.1 *infra*).

aflição³⁶) de Libão Druso. A sequência é interrompida com outra, de natureza disjuntiva: *siue, ut tradidere quidam*³⁷, *simulato morbo*. Finalmente, o réu chega à cúria, apoiado no irmão: *lectica delatus ad foris curiae innisusque*³⁸ *fratri et manus ac supplices uoces ad Tiberium tendens immoto eius uultu excipitur*. Os gestos (físicos³⁹) são ligados por conjunções copulativas (-*que*, *et*, *ac*), que representam uma sequencialidade temporal (uns a seguir aos outros), enquanto o particípio presente *tendens* evidencia, não só a simultaneidade de movimentos, mas também a demora com que são feitos⁴⁰. O uso de diferentes conjunções copulativas tem que ver com os diversos graus de relação semântica que os sintagmas têm entre si: *delatus* e *innisus*, *delatus-innisus* e *tendens*, *manus* e *uoces* encontram-se assim sintacticamente agrupados⁴¹, sem ambiguidade⁴² e com o reforço da já referida sequencialidade temporal.

Na relação de *tendens* com *manus* e com *uoces* (pois aquela forma está em zeugma em relação a *uoces*: Furneaux 1896 319 e Goodyear 2004 273), o verbo adquire duplo valor retórico, um próprio ('estender as mãos') e outro metafórico ('estender palavras', equivalente a 'dirigir a palavra'). Também com *supplices* se observam as expressões do sentido próprio e metafórico, pelo jogo que se faz entre o concreto e o abstracto: trata-se de uma imagem da atitude de um suplicante, que o estender das mãos cristaliza.

Como resposta a estas súplicas desesperadas, Tibério assume uma atitude de indiferença, mantendo-se em silêncio e sem expressão no rosto: *immoto uultu*⁴³. Insiste-se na ideia de que o imperador continua a esconder o que sente, denunciando um

³⁶ Como se documenta em Ernout — Meillet 1959 s.v. *aeger*; cf. *morbus* (doença do corpo).

³⁷ Mostra-se que o relato que o narrador apresenta é baseado noutros.

³⁸ O particípio *innisus* construído com dativo é de emprego poético, como avisa Goodyear 2004 273.

³⁹ Este excerto exprime não só gestos, mas também a posição do corpo: *innisus*, *tendens*.

⁴⁰ Concretiza-se a ideia de *metu et aegritudine fessus*. Com efeito, em *tendens* os sons ecoam-se a si mesmos (oclusiva+en-). É um modo de demonstrar a dificuldade de movimentos (repetidos porque difíceis).

⁴¹ [[*delatus* (...) *innisusque*] (...) *et* [*manus ac* (...) *uoces*] (...) *tendens*].

⁴² A enclítica *-que* e a conjunção *ac* reúnem, aqui e em 1.1.2, sintagmas nominais da mesma natureza sintáctica, ao passo que *et* congrega segmentos fráscos (da mesma natureza sintáctica).

⁴³ Cf. 2.28.2: *non uultu alienatus*.

aumento da tensão dramática que resultará na morte do acusado. Estuda-se uma imagem de imparcialidade e equanimidade, que o imperador mantém no início do julgamento por ele presidido: *mox libellos et auctores*⁴⁴ *recitat Caesar ita moderans*⁴⁵ *ne lenire neue asperare crimina uideretur* (2.29.2). A continuidade temporal é transmitida pelo advérbio *mox*. A leitura do processo é feita de forma imparcial, como compete a um juiz que já antes se manteve impassível às súplicas por parte do réu. De facto, é assinalada a moderação da personagem (*moderans*). Os objectivos são também explicitados: *ne lenire neue asperare crimina uideretur*, em que *crimina* recorda e sintetiza as transgressões anteriormente discriminadas⁴⁶.

A narração do julgamento é feita de modo bastante sintética, como se verifica pela ausência de complementos circunstanciais e de coloração figurativa, como se da acta do julgamento se tratasse. Quase sem transição, o narrador transmite a identidade dos acusadores e os problemas de serem tantos:

Accesserant praeter Trionem et Catum accusatores Fonteius Agrippa et C. Vibius, certabantque cui ius perorandi in reum daretur, donec Vibius, quia nec ipsi inter se concederent et Libo sine patrono introisset, singillatim se crimina obiecturum professus, protulit libellos uaecordes (2.30.1).

Juntam-se mais dois acusadores contra o arguido, vincando ainda mais o facto de Libão se encontrar sozinho (*sine patrono*; cf. 2.29.1). Não é dito nada de concreto acerca das duas novas personagens, ao contrário, por exemplo, da anterior caracterização do *ingenium* de Trião (em 2.28.3). De Fonteio Agripa, sabe-se

⁴⁴ Woodman 2004 53 n.33 clarifica que “the ‘authorities’ are those individuals who had endorsed the prosecution”.

⁴⁵ A interpretação de *moderans* não é consensual. Por exemplo: Furneaux 1896 319: “restraining himself”, so *moderante* 1.15.[1]” (cf. 2.70.4 e 6.2.6); Woodman 2004 53: “with such control”; Wuilleumier 1978a 95: “ton mesuré”; Grimal 1993 72: “veillant bien”; Goodyear 2004 274 defende a interpretação “directing himself, following a (middle) curse” e sustenta a tese em 1.15.1, 6.2.5 e 6.10.3.

⁴⁶ Os *crimina* são deduzidos de 2.27, onde se diz que o réu foi impelido para maus costumes: consulta de promessas dos Caldeus, de ritos dos mágicos, de intérpretes de sonhos, vida de luxo, acumulação de dívidas, luxúria, etc. Lembre-se mais uma vez que, apesar de no início desse capítulo se falar em *moliri res nouas*, não há referência concreta a acções que sugeriram efectivamente um movimento revolucionário.

muito pouco, e pelo que é dito somente em 2.86.1. É um dos ilustres a oferecer a filha para o lugar de vestal, mas esta é preterida em favor da filha de Comício Polião. De Gaio Víbio, ainda que aqui não se fale do seu carácter, é mais tarde afirmado que se trata de alguém com poucos escrúpulos (4.29.4), que foi procônsul da Hispânia Ulterior (4.13.2) e foi condenado pela sua *uis publica* (4.28.1–4.30.1).

Há, porém, um lado irónico no aumento de acusadores: são tantos que não conseguem chegar a acordo sobre qual seria o primeiro a discursar. A querela culmina na resolução introduzida pela conjunção *donec*, e é uma das novas personagens que vai expor o caso pormenorizadamente⁴⁷ — a oração causal com conjuntivo *quia nec ipsi inter se concederent* exprime uma causa irreal, por isso é de prever que os acusadores nunca ficariam todos de acordo —, aproveitando o facto de o réu não ter defesa.

Expostos os factos, chega a fase de argumentação, que o narrador define com manifesto desprezo: *protulit libellos uaecordes*. O adjectivo *uaecors* (usado, apenas aqui, em referência a coisas: Gerber — Greef — John 1962 s.v. *vecors*) mostra a qualidade das provas produzidas e cria, juntamente com o exemplo que lhe segue, um efeito extremamente irónico: tantos acusadores contra um homem sem defesa e não se esforçam por produzir provas consistentes, mas apenas *uaecordes*! Daqui se depreende que este é um julgamento de fachada, em que, sem apelo, o réu é condenado. Esta tese ganha força quando o narrador exemplifica o tipo de argumentos utilizados pela acusação: *adeo ut consultauerit Libo an habiturus foret opes quis uiam Appiam Brundisium usque pecunia operiret* (2.30.1).

O vocabulário escolhido ilustra o ambiente de tribunal: *accusatores, ius perorandi*⁴⁸, *reus, patronus, crimina, libelli*. Ainda assim, o caso não é descrito com todos os pormenores, havendo muita informação para se subentender. As acusações lançadas contra Libão Druso são sempre dadas como vazias de sentido⁴⁹: *inerant et alia huiusce modi stolidi uana, si mollius acciperes, miseranda* (2.30.2). O narrador não se inibe de caracterizar os argumentos de acusação como sendo todos *stolida, uana, ou miseranda*.

⁴⁷ O que sucede apesar do que se disse sobre a fama de Cato e de Trião (cf. 2.28.2: *celebre inter accusatores Trionis ingenium erat audidumque famae malae*).

⁴⁸ O *ius perorandi* é “the privilege (...) of making the formal oration”: Furneaux 1896 319.

⁴⁹ Ou mesmo falsas: OLD s.v. *uanus* 3.

Contudo, o narrador, ou porque quer provar a estupidez, ou porque considera tratar-se de um argumento de relevo (o que justifica o emprego de *tamen* adversativo: Furneaux 1896 319), concretiza uma das acusações: *uni tamen libello manu Libonis nominibus Caesarum aut senatorum additas atrocis uel occultas notas accusator arguebat* (2.30.2). Esta frase tem dividido os comentadores, principalmente no que concerne ao segmento *uni tamen libello*, pois há editores que consideram que deveria ser *uno* (...) *libello*, colocando a expressão em ablativo, em vez de dativo. Com efeito, as duas lições são aceitáveis. Enquanto Furneaux 1896 319 exclui a correcção para *uno*⁵⁰, sugerindo que se subentenda *inesse* (que estava já na oração anterior), a maioria dos tradutores verteram como se fosse ablativo, à excepção de P. Grimal e A. J. Church e W. J. Brodribb⁵¹.

Realização estilística é o uso que se faz das conjunções disjuntivas em *Caesarum aut senatorum* e *atrocis uel occultas*. Não se trata apenas de simples *uariatio*: é um jogo sintáctico no âmbito do quiasmo, pelos respectivos referentes estarem no início e no fim das estruturas disjuntivas: *nominibus Caesarum aut senatorum* (...) *atrocis uel occultas notas*.⁵²

O sujeito e o verbo estão colocados no fim para efeitos expressivos. Assim, chama-se a atenção para o facto de tudo o que foi referido fazer parte da argumentação do advogado de acusação. O arguido defende-se:

negante reo adgnoscentis seruos per tormenta interrogari placuit. et quia uetere senatus consulto quaestio in caput domini prohibebatur, callidus et noui iuris repertor Tiberius mancipari singulos actori publico iubet, scilicet ut in Libonem ex seruis saluo senatus consulto quaereretur (2.30.3).

Os escravos servem de testemunha (retomando-se o que havia ficado assegurado em 2.28.1: *ut satis testium et qui serui eadem*

⁵⁰ “The correction ‘uno’ still leaves no less awkwardness in the juxtaposition of two different ablatives, ‘libello’ and ‘manu.’”

⁵¹ Grimal 1993 72: “L’accusateur produisait comme charge, pourtant, une liste, écrite de la main de Libo...”; Church — Brodribb 2006 69: “there was one paper in Libo’s handwriting...”

⁵² Furneaux 1896 319 entende *atrocis uel occultas notas* como “deadly, or at least mysterious symbols”, o que faz perder o efeito que referi. Goodyear 2004 276 segue Gerber — Greef — John 1962 s.v. *uel*, onde este emprego da conjunção surge como distributivo.

noscerent repperit). Estes poderiam incriminar o senhor, mas a legislação romana impedia que assim fosse, quando está em causa a vida do *dominus*. Não obstante, os testemunhos dos escravos passam a ser válidos porque estes deixam de ser escravos de Libão Druso, numa estratégia que faz de Tibério *callidus et noui iuris repertor*: o novo direito já não infringe o antigo decreto do senado⁵³. Ao julgar Tibério pela sua artimanha, o narrador diminui a culpa do réu. A explicação que concretiza a mancipação dos escravos reforça a ironia precisamente porque nem precisava de ser dada. O tom irónico projecta ainda um desalento, como a quantidade de sibilantes e de vogais interiores fechadas (nomeadamente *u*) da última oração demonstra, daí resultando um arrastar da frase: *in Libonem ex seruis saluo senatus consulto quaereretur*.

Chegado o julgamento a este ponto, Libão Druso desiste e não vê outra alternativa a não ser pedir a suspensão do processo. Em 2.30.4, expressam-se desistência e desespero⁵⁴: *ob quae posterum diem reus petiuit domumque digressus extremas preces P. Quirinio propinquo suo ad principem mandauit*. Uma nova personagem é o veículo da súplica final (*extremas* por ser a última tentativa e não poder voltar a fazer nenhuma, mas também como sinal de desespero, pois o resultado do julgamento está cada vez mais claro). O ritmo é indelevelmente marcado pela sonoridade das consoantes oclusivas e das vogais anteriores fechadas *e* e *i*. A frase apresenta-se como elemento de rápida transição entre o julgamento e o espaço da casa de Libão, pronunciado por *domum digressus*. A resposta dada ao último apelo do arguido é que o peça ao senado: *Responsum est ut senatum rogaret* (2.31.1). A expressão impessoal (que refere Tibério) retoma o anonimato do início do episódio (*defertur*). A acção precipita-se em tragédia:

cingebatur interim milite domus, strepabant etiam in uestibulo ut audiri, ut aspici possent, cum Libo ipsis quas in nouissimam uoluptatem adhibuerat epulis excruciatus uocare percussorem, prensare seruorum dextras, inserere gladium (2.31.1).

A narração é cheia de movimento: os soldados cercam a casa⁵⁵ enquanto tais acontecimentos se davam, como o emprego de

⁵³ No julgamento de Silano, Tibério também mandou vender os escravos ao *actor publicus* para os torturar e usar seu testemunho (3.67.3).

⁵⁴ Goodyear 2004 278: “[Libo,] by asking at this stage for adjournment, virtually admitted his case lost”.

⁵⁵ A presença dos soldados servia apenas para intimidar Libão Druso: Goodyear 2004 278.

1.14.4: 66n.	1.44.4: 68n., 69, 77
1.15.1: 128n.	1.45.1: 78
1.16.1-30.5: 65n., 136	1.45.2: 78
1.17.1-6: 66	1.47.1-2: 38n.
1.24.2: 116, 137	1.47.3: 38n.
1.29.1: 73n.	1.48.1: 78
1.29.2: 46n.	1.48.2: 78
1.29.4: 32	1.48.3: 78
1.31.1-1.51: 136	1.49.1: 78-79
1.31.1: 66, 67	1.49.2: 68n.
1.31.2: 66n.	1.49.3: 68n., 79
1.31.3: 66n.	1.51.1: 79, 85
1.31.4: 66, 75n.	1.51.2: 63
1.33.1: 38n., 62n., 66n., 82n., 143	1.51.3: 79
1.33.2: 80	1.51.4: 79
1.33.3: 53, 96n.	1.52.1-3: 136
1.34.1: 66	1.52.1: 70
1.34.2: 66, 67	1.53.1: 53n.
1.34.3: 66, 67	1.53.2: 58
1.34.4: 66, 75n., 94n.	1.55.1: 85
1.35.1-5: 66	1.59.5: 62n.
1.35.1: 67	1.60.2: 64
1.35.3: 67-68	1.61.1-62.2: 83
1.35.5: 68, 76	1.62.1: 64
1.36.1: 68n.	1.63.2: 51n.
1.36.2: 69	1.69.1: 71n.
1.36.3: 69	1.69.2: 31
1.37.1: 69, 78	1.69.4: 72, 154n.
1.39.1: 69	1.69.5: 103n., 116
1.39.2: 69	1.72.2-74.5: 121
1.39.3: 69-70	1.72.3: 168n.
1.40.1-2: 63, 70	1.74.5: 86
1.40.3: 70-71, 83, 96n.	1.75.1: 30n.
1.40.4: 71	1.77.3: 66n.
1.41.1: 71	1.78.2: 45n.
1.41.2: 72, 77n.	1.81.1: 31, 32
1.41.3: 72	2.1.2: 90
1.42.1-43.4: 73, 94n.	2.3.1: 85n.
1.42.1: 73-74, 75n.	2.4.1: 53n.
1.42.2-43.3: 73n.	2.4.3-5.1: 85n.
1.42.2: 74	2.4.3: 90
1.42.3-4: 66	2.7.3: 64n.
1.42.3: 75	2.12.1: 63, 79n.
1.42.4: 75	2.13.1: 89n., 90
1.43.1-3: 76	2.24.2: 68
1.43.3-4: 73n.	2.26.2: 85
1.43.3: 77	2.26.4: 97n.
1.43.4: 73n., 76	2.26.5: 85
1.44.1: 76-77	2.27.1: 120-121, 128n., 133, 135, 168n.

- 2.27.2: 121-123, 133
 2.28.1: 123, 130-131
 2.28.2: 124-125, 127n., 129n., 167
 2.28.3: 101, 125, 128
 2.29.1: 102n., 126, 128
 2.29.2: 126-128
 2.30.1: 128, 129
 2.30.2: 100n., 129-130
 2.30.3: 89n., 130-131, 168n.
 2.30.4: 131
 2.31.1: 126n., 131-132, 133
 2.31.2: 132, 133
 2.31.3: 133
 2.32.1-2: 134
 2.32.1: 134, 169n.
 2.32.2: 134-135
 2.32.3: 122n.
 2.33.3: 30
 2.34.2-4: 109n.
 2.35.1: 86
 2.39.1-40.3: 164n.
 2.39.1: 58
 2.40.1: 132n.
 2.40.2: 32
 2.41.2: 120n.
 2.41.3: 52n., 83n., 84
 2.42.1: 84, 164
 2.42.2: 53n.
 2.42.3: 53n.
 2.43.1: 63, 85
 2.43.2-3: 87
 2.43.2: 85-86
 2.43.3: 108
 2.43.4: 87, 95n.
 2.43.5: 83n.
 2.43.6: 140n., 144
 2.46.5: 38n.
 2.50.1-2: 168n.
 2.51.2: 30
 2.53-2.61: 136
 2.53.1-55.5: 64n.
 2.53.1: 136
 2.53.2: 38n., 82, 83n.
 2.53.3: 88
 2.54.1: 83
 2.54.2-4: 84
 2.54.2: 63
 2.54.4: 89n.
 2.55.1: 88
 2.55.2: 63, 89n.
 2.55.3: 63n., 89n.
 2.55.6: 47n., 63n., 87
 2.57.1-2: 88
 2.57.1: 88, 99
 2.57.2: 38n., 89
 2.57.3-4: 90
 2.57.3: 89-90
 2.57.4: 63n., 91
 2.58.1: 90
 2.58.2: 91
 2.59: 63
 2.59.2: 66n.
 2.59.3: 64, 83n.
 2.60.1: 63n.
 2.61.2: 3, 38n.
 2.62-2.63: 136
 2.63.3: 31
 2.64.1: 63, 136
 2.69.1-2: 91
 2.69.1: 63n., 92
 2.69.2: 91, 92
 2.69.3: 91, 92, 136
 2.70.1: 89n., 93
 2.70.2: 92, 93
 2.70.3: 87n.
 2.70.4: 128n.
 2.71.1: 63, 84n., 94, 103n., 107n.
 2.71.2: 95, 107n.
 2.71.3: 95n.
 2.71.4: 83, 94, 95, 142
 2.71.5: 94, 96
 2.72.1: 95n., 96, 142n.
 2.72.2: 89n., 97, 99n.
 2.73.1-2: 97
 2.73.1: 79
 2.73.2-3: 97-98
 2.73.2: 83n., 142
 2.73.3: 80n.
 2.73.4: 110
 2.74.1: 87n., 98
 2.74.2: 108
 2.75.1: 56, 96n.
 2.75.2: 92n., 100n.
 2.76.1: 87n., 98
 2.76.2-3: 98
 2.76.2: 92n., 99
 2.76.3: 98
 2.77: 98

- 2.77.1: 87n.
2.77.3: 41n., 99, 101, 106
2.78.1: 99
2.79.5: 87n.
2.80.1-81.3: 99
2.80.1: 99n.
2.80.3: 87n., 99n.
2.81.1: 140n.
2.82.1: 108n.
2.82.2: 80n.
2.82.3: 153n.
2.82.4: 49n.
2.82.5: 50n.
2.83.3: 73n.
2.84.1: 140n., 144
2.84.2: 148n., 153n.
2.86.1: 129
2.88.1: 32
2.88.2: 97n.
2.88.3: 25
3.2.2: 169n.
3.3.2: 31, 82, 83n.
3.3.3: 33
3.4.2: 83
3.6.2: 53n.
3.7.1: 98n.
3.7.2: 38n., 108
3.8.1: 100n.
3.9.2: 100n.
3.9.3: 100n.
3.10.1-2: 101
3.10.1: 100, 101, 106
3.10.2: 105
3.10.3: 102
3.11.2: 103, 105
3.12.1: 85, 103
3.12.2-3: 104
3.12.2: 87n.
3.12.3: 89, 101
3.12.6: 101
3.13.1: 86n., 100n.
3.14.1: 101, 105
3.14.2: 105
3.14.3: 105
3.14.4: 105n.
3.15.1: 105, 106, 108n.
3.15.2: 103n., 106, 107, 167
3.15.3: 106-107
3.16.1: 32, 95n., 116
3.16.2: 107
3.16.3: 87n., 89, 103, 107
3.16.4: 108
3.17.1: 108
3.17.4: 108, 109
3.18.1: 108
3.19.2: 100n., 109, 110, 139
3.22.1: 120n., 122n.
3.25.2-28.2: 43n.
3.25.2: 118n.
3.29.4: 138, 147
3.30.2: 25n.
3.30.3: 58
3.30.4: 30n.
3.31.1: 136
3.33.1-35.3: 109n., 140n.
3.33.2: 141n.
3.33.3: 109n.
3.34.6: 140-141, 142, 146n.
3.35.1: 102n.
3.38.1: 118
3.39.4: 146n.
3.43.5-6: 136
3.47.2: 38n.
3.48.1: 53n.
3.48.2: 38n.
3.49-51: 134
3.56.2: 27n.
3.56.3: 136
3.56.4: 136
3.64.2: 103n.
3.65.1-3: 28-29
3.65.1: 177
3.65.3: 124
3.67.3: 131n.
3.72.3: 116, 138
3.76.2: 166n.
4.1.1: 38n., 115, 142
4.1.2: 115, 117, 137n.
4.1.3: 115, 117, 151
4.2.1: 138
4.2.2: 138
4.2.3: 115
4.3.1: 142-143, 154
4.3.2: 137, 143
4.3.3: 140n., 143-146, 149
4.3.4: 145, 150, 164n.
4.3.5: 146
4.4-6: 115n.

- 4.4.2: 38n.
 4.4.3: 29, 38n.
 4.6.1: 29
 4.7-8: 137
 4.7.1: 115, 137, 143
 4.7.2: 137-138, 146n., 147
 4.7.3: 138, 145
 4.8.1: 136, 138
 4.8.2: 138-139
 4.8.3-5: 139
 4.9.1: 139
 4.10.1: 32, 33
 4.10.2-11.3: 139
 4.10.2: 138, 141n., 145
 4.11.1: 32
 4.11.2: 137n., 138n.
 4.12.1: 153
 4.12.2: 148n., 153, 154
 4.12.3: 154
 4.12.4: 162n.
 4.13.2: 129
 4.17.1: 154n.
 4.17.2: 155
 4.17.3: 161, 162
 4.18.1-20.4: 162n.
 4.18.1: 155, 160n.
 4.19.1: 155
 4.20.4: 169n.
 4.21.1: 38n.
 4.21.3: 168n.
 4.28.1-30.1: 129
 4.29.4: 129
 4.30.2: 118n.
 4.30.3: 118, 135
 4.31.4: 38n.
 4.32.1: 26, 38n.
 4.33.3: 28, 119
 4.34.1: 37n., 166, 168
 4.34.2: 118, 166-168, 171
 4.34.3: 25n.
 4.35.1: 170
 4.35.2: 170
 4.35.3: 170
 4.35.4: 29, 171
 4.35.6-7: 165
 4.37.2-38.3: 171
 4.37.2: 171
 4.39.1: 38n, 145n, 146, 149, 150, 151, 153n.
 4.39.2: 138, 147, 148n.
 4.39.3: 147, 151n.
 4.39.4: 147-148, 149
 4.40.1-2: 148-149
 4.40.1: 101n., 150
 4.40.2: 140n.
 4.40.3: 149
 4.40.4-5: 150
 4.40.4: 140n., 149-150
 4.40.5: 138, 150
 4.40.6: 149n., 150, 151
 4.40.7: 143, 151
 4.41.1: 138n.
 4.41.2: 39
 4.49.3: 162n.
 4.50.6: 132n.
 4.52.1: 164n.
 4.52.2: 83, 96n.
 4.53.1: 96n.
 4.53.2: 32
 4.57.1-2: 103n.
 4.57.1: 151
 4.57.3: 33
 4.58.2: 122n.
 4.59.3: 163
 4.60.1-2: 163
 4.60.2-3: 163-164
 4.60.2: 163n.
 4.65.6: 32
 4.68-70: 155
 4.68.1: 156, 158n., 160n.
 4.68.2-70.4: 155
 4.68.2: 156, 159n.
 4.68.3: 157, 159n., 160
 4.68.4: 158, 160, 162
 4.69.1: 158
 4.69.2: 157n., 159, 162
 4.69.3: 159, 160-161
 4.70.1-2: 160
 4.70.1: 156, 159n., 160
 4.70.3: 156
 4.70.4: 160
 4.71.1: 37n., 111, 159n., 161
 4.71.3: 103n.
 4.73.2: 51n.
 4.74.3: 156n.
 5.1: 123n.
 5.3.2: 169n.
 5.9.2: 32
 5.10.1-2: 164n.

- 5.10.1: 46n.
 6.2.1: 145, 152
 6.2.5: 128n.
 6.2.6: 128n.
 6.4.1: 38n., 135, 162n.
 6.5.1-7.1: 169n.
 6.6: 8n.
 6.6.1: 31
 6.7.5: 29
 6.8.2: 117, 147n.
 6.8.4: 103n.
 6.8.5: 166n.
 6.10.3: 128n.
 6.16.2: 8n.
 6.19.1: 120n.
 6.19.4: 132n.
 6.20.2: 122n.
 6.21.1: 8n.
 6.22.1: 46n.
 6.23.2: 47n., 83n., 164
 6.24.2: 83n.
 6.25.2: 96n.
 6.29.4: 145, 152
 6.31-6.33: 8n.
 6.33.1: 141n.
 6.36-6.37: 8n.
 6.38.1: 37n.
 6.38.2-3: 135
 6.39.2: 8n.
 6.44.3: 132n.
 6.47.2: 166n.
 6.50.3: 103n.
 6.51: 8n.
 6.51.1: 53n.
 6.51.3: 115n.
 *7.1.1: 26n.
 11.11.1: 2
 11.24: 33
 11.27: 32
 11.32.1: 47n.
 11.34.1: 32
 12.10.1: 38n.
 12.22.1: 122n.
 12.24.2: 31
 12.25.1: 53n.
 12.40.5: 37n.
 12.42.2: 145n.
 12.67.1: 32
 12.68.3: 122n.
 13.1.1: 57n.
 13.9.3: 37n.
 13.17.2: 32
 13.20.2: 31, 33
 13.23.1: 120n.
 13.26.2: 30
 13.31.1: 29, 31
 13.32.2: 38n.
 13.33.1: 38n.
 13.49: 37n.
 13.57.6: 132n.
 14.2.1-2: 31
 14.2.2: 32
 14.8.5: 83n.
 14.9.3: 122n.
 14.12.1: 37n.
 14.29.1: 38n.
 14.48.3-49.3: 37n.
 14.50.2: 171n.
 14.62.2: 38n.
 15.6.3: 38n.
 15.15.3: 47n.
 15.16.1: 32
 15.20.2-22.1: 37n.
 15.23.4: 37n.
 15.38.1: 32
 15.41.1: 32
 15.53.4: 32
 15.61.3: 31
 15.65: 32
 15.74.3: 31
 16.6.1: 32, 33
 16.7.2: 166n.
 16.14.1: 38n., 122n.
 16.21.1-22.5: 37n.
 16.21.1: 38n.
 16.22.3: 31n.
 16.24.1-29.2: 37n.
 16.33.2-35.2: 37n.
 16.35: 3
 16.35.1: 157n.
Dialogus de Oratoribus
 1.1-2: 2
 2.1: 2
Historiae
 1.1.1-2: 28
 1.1.1: 45n.
 1.1.4: 177
 3.25.2-3: 19n.

- 3.51: 19n.
Historia Augusta
 10.3: 1
 Plínio-o-Moço
Epistulae
 1.6: 2n.
 2.1.6: 2
 2.11.17: 2n.
 4.13.10: 2n.
 5.8.4: 19
 5.8.5: 19n.
 6.16: 2
 6.20: 2
 7.20: 2
 7.33.1: 2
 8.7: 2
 9.14: 173
 9.23.2-3: 1n.
 Plínio-o-Velho
Naturalis Historia
 7.76: 2
 Plutarco
Anatus
 49: 39n.
 Políbio
 12.25: 22n.
Rhetorica ad Herennium
 1.6.10: 19
 1.8.13: 20, 23
 Quintiliano
Institutio Oratoria
 8.5.3: 30n.
 10.1.31: 20, 23
 10.1.32: 20
 10.1.33: 20
 10.1.34: 20
 Sidónio Apolinar
Epistulae
 4.14.1: 1
 4.22.2: 1
 Suetónio
Iulius
 73: 169n.
 Vitrúvio
De Architectura
 5.1: 120

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLECÇÃO “VÁRIA”* -
SÉRIE MONOGRAFIAS

1. Mariana Montalvão Matias, *Paisagens naturais e paisagens da alma no drama senequiano. “Troades” e “Thyestes”* (Coimbra, CECH, 2009).
2. João Paulo Barros Almeida, *Sentimento e conhecimento na poesia de Camilo Pessanha* (Coimbra, CECH, 2009).
3. Cristina Santos Pinheiro, *O percurso de Dido, rainha de Cartago, na Literatura Latina* (Coimbra, CECH, 2010).
4. Ricardo Nobre, *Intrigas Palacianas nos Annales de Tácito. Processos e tentativas de obtenção de poder no principado de Tibério* (Coimbra, CECH/CEC, 2010).

Impressão:
Simões & Linhares, Lda.
Av. Fernando Namora, n.º 83 Loja 4
3000 Coimbra